

## ENTREVISTA COM O PROF. DR. RICARDO JOSÉ BATISTA NOGUEIRA<sup>1</sup>

### Prof. Dr. Ricardo José Batista Nogueira<sup>2</sup>

Graduado em Licenciatura em Geografia, Especialização em Demografia da Amazônia, Mestrado e Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Autor dos livros “Amazônia: Um Estado ribeirinho” (1999), “História e Geografia do Amazonas” (2002), “Amazônia Continental: Geopolítica e Formação das Fronteiras” (2007) e “Amazonas: A Divisão da Monstruosidade Geográfica”. Atualmente é Professor do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Trabalha com Teoria e Método em Geografia, Evolução do Pensamento Geográfico, Geografia Política e Regionalização. Lidera o Grupo de Pesquisa “Geografia da Amazônia: Ambiente e Cultura”.

*Entre-Lugar - Fale um pouco de sua trajetória de vida e o encontro com a Geografia.*

Ricardo Nogueira: Eu nasci no Rio de Janeiro em novembro de 1961, mas de carioca não tenho nada. Filho de migrantes nordestinos, retornamos para o Recife em 1962. Após dez anos, meu pai recebeu uma proposta para trabalhar na recém implantada Zona Franca de Manaus, como contabilista numa loja de importados. Assim, praticamente toda minha formação se deu em Manaus.

Ao ingressar no curso de Geografia em agosto de 1983, já estava cursando, na Universidade Federal do Amazonas, Administração de Empresas, que conclui. Contudo, o envolvimento e a dedicação à Geografia me conduziram a acreditar que agora estava na carreira certa. As lições da Administração científica, os pensamentos de Taylor e Fayol sobre a organização da produção não me empolgaram tanto quanto as polêmicas encontradas na Geografia, à época muito presa a ideia de um determinismo X possibilismo. Um pequeno livro recém lançado, intitulado Geografia: Pequena História Crítica, de Antônio Carlos Moraes, era a sensação, a coqueluche entre os principiantes do curso, cuja leitura exigia um pouco de dedicação em virtude das referências filosóficas trazidas para o interior da Geografia. O avanço nos estudos sobre a “Geografia Crítica” nos remetia a outras leituras, pois as bases, os fundamentos dessa novidade estavam intimamente vinculados a uma renovação metodológica, uma profunda reflexão e debate epistemológico deste campo do conhecimento, que trombava, evidentemente, com toda a tradição longamente instituída. De modo semelhante, o pequeno livro “O que é Geografia”, de Ruy Moreira, nos empurrava a uma melhor compreensão do que estava acontecendo na Geografia. As

1 Entrevista realizada pelo Professor Dr. Marcos Leandro Mondardo do PPGG-UFGD e pela mestranda Alice Lucas do PPGEU – UFAM.

2 Entrevista realizada pelo Professor Dr. Marcos Leandro Mondardo do PPGG-UFGD e pela mestranda Alice Lucas do PPGEU – UFAM.

fortes críticas realizadas à Geografia, agora dita tradicional pelos dois livros citados, de certa maneira nos impediu de ir buscar na própria fonte as leituras dos clássicos, pois a coqueluche havia virado catecismo. Frase como “ser empirista para melhor servir” e uma reflexão sobre a expressão corriqueira “ponha-se no seu lugar”, presente no livrinho de Ruy Moreira, tiveram impacto muito forte, afinal, o empírico estava sendo banido. Já o livro do “Tônico” com a expressão “geografia tradicional”, dava a ideia do que já havia sido vencido na Geografia.

Creio que, para mim, a empolgação com as leituras críticas me fizeram buscar as publicações mais recentes deste período até me deparar com o “Por uma Geografia Nova”, de Milton Santos, certamente mais árido que os anteriores. Mas havia, antes de tudo, um ato de vontade. Numa coletânea organizada por Ruy Moreira, intitulada Geografia Teoria e Crítica “O saber posto em questão”, apareciam artigos como os de Carlos Walter Gonçalves “A Geografia está em crise: Viva a Geografia”; e de Ruy Moreira, dizendo que “A Geografia serve para desvendar máscaras sociais”; e outros de conteúdo claramente renovador nesta ciência, que no Brasil vivia os ecos de uma renovação à francesa com o famoso livro de Yves Lacoste, cuja edição pirata editada em Portugal consegui uma fotocópia; e à americana com o livro “Justiça Social e Cidade” de David Harvey. Sem contar o livro de Nelson Sodré “Geografia e ideologia”. Com dificuldade enfrentei o livro de Santos, e daí em diante a necessidade de recorrer à filosofia, à história, e gradativamente ampliando o leque de leituras.

*Entre-Lugar - Esse questionamento interno da Geografia foi bastante copioso, o professor acredita que houve a partir disso um envolvimento com a política. A sua aproximação com a Geografia política foi decorrência desse momento da Geografia crítica?*

Ricardo Nogueira: O engajamento político foi inevitável. As leituras iniciais de geografia crítica, de base marxista, nos levou às leituras das obras de Marx e seus discípulos. O envolvimento com a entidade representativa dos Geógrafos – AGB – era o canal de participação nos diversos movimentos sociais na cidade de Manaus: dos estudantes, dos professores, dos metalúrgicos, dos eletricitários e um princípio de movimento ambiental, uma vez que a Amazônia era o “alvo” das políticas de integração para entrega de seus recursos ao “grande capital”! A marcha das diretas já mobilizava o Brasil; Brasília recebia caravanas de diversos municípios para pressionar o governo para aprovar a eleição direta para presidente. Discutíamos, inclusive, o livro “A capital da Geopolítica, do José William Vesentini, que versava sobre a função política da capital; sua localização distante do povo, etc. O rock nacional embalava o movimento. As músicas regionais tinham um forte apelo ecológico. A música “Porto de lenha tu nunca serás Liverpool” era um hino, uma referência ao passado da cidade de Manaus, que na época da borracha importou muita coisa de Liverpool. Este casamento entre vinte anos de ditadura, militar, censura, aliada à dependência externa aos bancos, à dívida com o FMI (o bordão “Fora daqui o FMI” puxava as passeatas); mobilização social no campo e dos sindicatos de diversas categorias, foi um “prato cheio”, desde a década de 1970, para difusão da Geografia crítica e o nosso engajamento surgia, também como grande promessa, o Partido dos Trabalhadores.

*Entre-Lugar - A Amazônia é uma região dotada de particularidades e ainda “desconectada” do resto do país, apresenta relações complexas, dotada de significados e de superlativos. Diante disso, como se dava e qual era o nível de inserção da Geografia local com a Geografia brasileira?*

Ricardo Nogueira: A Amazônia pouco aparece na História do Brasil nos livros didáticos elaborados no centro do país. Por outro lado, aqui nos habituamos a falar de Brasil como algo a parte. Neste sentido, isto nos ajuda a refletir sobre a ideia de centro-periferia ou fronteira, sendo estas noções fluidas. Antes de tudo devemos, principalmente na Geografia, pensar esta noção como algo que remete ao etnocentrismo, ao olhar para o mundo tomando-se como centro. Discuti isso no meu doutorado com relação ao conceito de fronteira. O Brasil é um país enorme... Manaus continua longe dos grandes centros e sem ligação rodoviária. Então, não era tão barato sair daqui, principalmente quando se é estudante. Tive a oportunidade de participar, em 1984, do IV CBG (Congresso Brasileiro de Geografia, realizado na USP) e assistir a palestras dos professores que estavam a frente do movimento da Geografia brasileira. Destaque para o professor Ariovaldo Umbelino com a palestra “Aos trabalhadores só o bagaço: a revolta dos canaviais e laranjais”. Só o título já expressava o conteúdo do engajamento. Evidentemente, isto me estimulou ao aprofundamento das questões suscitadas pela Geografia.

Para dar conta de todo este movimento era necessário, em primeiro lugar, compreender o capitalismo, e livros como “Evolução do capitalismo”, de Maurice Dobb, juntamente com o clássico “historia da riqueza do homem, de Leo Huberman, davam a pista. Depois, inevitavelmente, a bíblia d’O Capital, de Marx (fórmula trinitária do capital; composição orgânica do capital; mais-valia absoluta e relativa, valor de uso e valor de troca, etc.). Afinal este havia sido o caminho trilhado pelos novos geógrafos críticos brasileiros. Para entender a pobreza latina, Eduardo Galeano e seu “As veias abertas da América Latina.” Sobre o Estado capitalista, Louis Althusser e seus aparelhos ideológicos. Estas referências estavam presentes nas disciplinas do ciclo básico. Depois, atento às notas de rodapé, Poulantzas, Topalov, Lefebvre e Castells explicavam o mundo urbano capitalista.

No campo da Geografia, Massimo Quaini com as publicações “Marxismo e Geografia” e “A construção da Geografia Humana”, ampliavam horizontes e me distanciavam da “alienação” e do “reacionarismo”, expressões com as quais se rotulavam aqueles sem “consciência política”! Também o livro “Geografia Ativa”, de Pierre George, Lacoste, R.Guglielmo e Bernard Kaiser, apontavam para a ação do Geógrafo na transformação do espaço, do mundo. A região, dizia Kaiser, deve ser objeto de intervenção; o subdesenvolvimento não é passagem, ou estágio obrigatório dos países, dizia George. E não podíamos deixar de ler Francisco de Oliveira (Elegia para uma re(li)giao), bem como A Questão Meridional, de Antonio Gramsci, pois estes desvelavam a questão regional. Isto serviu também para pensarmos a Amazônia no concerto nacional, sempre vista como natureza e muito pouco como sociedade; com uma história diferente do Brasil. Aprendemos nos livros de História e Geografia sobre o escravismo, monocultura e latifúndio; aqui na Amazônia predominou a exploração do trabalho indígena, o extrativismo e a grande quantidade de terras livres. Isto indica outra forma de organização espacial.

*Entre-Lugar - Os grandes projetos do regime militar na Amazônia alteraram a organização espacial regional. Este período ainda representava para a região um momento de forte intervenção do Estado brasileiro. Neste contexto, como se deu o envolvimento da Geografia com os movimentos sociais na Amazônia?*

Ricardo Nogueira: Na AGB fazíamos o possível para estarmos antenados com os movimentos sociais e nossas participações davam certa credibilidade as ações dos geógrafos voltadas à justiça social. Do mesmo modo, já havia uma discussão sobre a questão ambiental por conta da construção da hidroelétrica de Balbina e do dano ambiental que causaria. Não se pode deixar de mencionar o fato de que numa das primeiras greves ocorridas nas fábricas da Polo Industrial de Manaus, a liderança dos trabalhadores procurou a associação para que fizéssemos um mapa dos locais por onde circulavam os trabalhadores para melhor panfletar durante a mobilização. Vimos, naquele momento, a sombra do Yves Lacoste e o papel da Geografia para as mobilizações. O alfabeto da Zona Franca naquele período era: Alfema, BIC (canetas e isqueiros), Caloi, CCE, Evadin, Gradiente, Honda, Nelima (relógios) Philco, Phillips, Sanyo, Sharp, Sonora, Thecnos e Telefunken.

A recém-criada AGB-Manaus mobilizava a rede estadual e municipal de professores, realizando cursos voltado para os professores municipais, pois queríamos difundir a Geografia Crítica. Conseguimos trazer o professor José William Vesentini, no início de sua carreira de autor de livro didático. Era a Geocrítica ingressando nas salas de aula do ensino médio, quebrando a hegemonia de Zoraide Victorello Beltrame e outros livros didáticos.

Fazer geografia crítica na Amazônia implicava um engajamento também nas questões associadas a esta região. Fruto de uma forte intervenção ao longo dos anos de governo militar, a luta naquele momento era contra a construção de hidrelétricas, e Balbina, nossa vizinha, uma dos alvos principais. Fundamentados nas obras de Octavio Ianni – Ditadura do grande capital, Estado e planejamento no Brasil, bradávamos por um “outro modelo de desenvolvimento”. As mineradoras disputavam com o grande garimpo de Serra Pelada a extração do ouro, que em seu auge sustentou cerca de 100 mil garimpeiros. O projeto de exploração mineral em Carajás ganha notoriedade com a publicação, em 1983 do livro do IBASE “Carajás – o Brasil hipoteca seu futuro”, e em 1989 o livro do geógrafo Orlando Valverde “Grande Carajás: o Planejamento da destruição”. Também Ariovaldo Umbelino, com foco principal de suas pesquisas no Mato Grosso, publica Amazônia: Monopólio, Expropriação e Violência; e “Amazônia: Integrar para não Entregar”. Estes se constituíam muito mais um panfleto de denúncias do que propriamente um livro com reflexões profundas sobre a região. Mas, contribuiu!

Deste modo, era imprescindível, para explicar cientificamente e acompanhar as discussões mais avançadas na Geografia, tomar o receituário bibliográfico e ler as obras de referência do materialismo histórico e dialético, os autores marxistas, pois acreditávamos que somente eles promoviam uma leitura real do mundo!

Todavia, o maior acontecimento de 1989 foi a queda do muro de Berlim, arrastando um modo de produção que se dizia a panaceia da humanidade. Se sua construção exigia

uma organização espacial diferente, o seu fim também provocou novas configuração do espaço mundial. Isto me aproximou da Geografia Política. A professora Berta Becker foi uma referência importante (ainda é!) para a Geopolítica da Amazônia. Mas creio que hoje esta geopolítica está sendo efetivada com os novos recortes territoriais ambientais e indígenas.

*Entre-Lugar - O professor deu início a pós-graduação no ano de 1992, poucos anos após a queda do muro de Berlim, uma forte mudança geopolítica. Fale um pouco de sua passagem pela Universidade de São Paulo neste período. Quais eram as discussões e abordagens teóricas elaboradas diante deste novo arranjo de forças mundiais?*

Ricardo Nogueira: Minha passagem pela USP, onde fiz mestrado e doutorado, foi primordial para consolidar a formação. O encanto com a biblioteca, os inúmeros periódicos de diversos lugares do mundo, os “Annales” da Geografia francesa, desde o primeiro numero; diversos livros clássicos raros; o encontro com colegas de diversos lugares do Brasil foi fundamental para constituir uma rede. Durante o mestrado (1992-1995), as discussões sobre a nova geopolítica com o fim do socialismo acirravam os debates; referendado com o grande evento “O novo mapa do mundo”. Além disso, as conversas mais informais, porem reflexivas com os professores Armando Correa da Silva (falecido em 2000), que depois convidamos para vir a Manaus participar de um evento que intitulamos aqui “Armando na floresta”, pois o mesmo além da palestra, tocou piano para os alunos; também a ascensão da discussão ambiental com a realização da conferencia mundial do Rio de Janeiro; e os estudos dos movimentos sociais urbanos e rurais. Várias portas são abertas quando se tem o título de doutor.

Àquela época, por exemplo, pouco se falava de Geografia Cultural. Alias, posso até dizer que este é um tema ainda refratário à Geografia da USP. Na verdade, com a expansão da pós-graduação pelo Brasil, vejo surgir uma maior pluralidade temática na Geografia.

*Entre-Lugar - O que o professor entende por fronteira?*

Ricardo Nogueira: Embora seja um tema clássico da Geografia Política, que mereceu atenção de Ratzel, Vallaux, Hartshorne, Mackinder e tantos outros, ela continua sendo significativa pelo fato de que só tende a ampliar. Temos cada vez mais fronteiras no mundo. Entendo que ela hoje está muito mais “porosa” que no passado. Mas esta não é a questão principal. A questão principal é que a fronteira divide a humanidade. Escrevi um artigo sobre fronteira tomando como referencia o geografo Elisee Reclus, abordando a visão dele sobre esta linha que divide os homens, por isso mesmo que ele evitou representar em seus mapas os Estados e suas fronteiras. As fronteiras são as representações mais evidentes do Estado-nacional uma vez que limita, define, demarca, institucionaliza o habitante daquele território. Entretanto isto tem trazido novidades pois o Estado não é o mesmo do período de seu surgimento, nem o nacional tem o mesmo significado. Ou seja, o habitante quer ser reconhecido como cidadão independente de onde ele seja ou esteja.

*Entre-Lugar - Quais as mudanças que os estudos de fronteira sofreram recentemente?*

Ricardo Nogueira: As mudanças cada vez mais rápidas na sociedade impõem melhores reflexões sobre o papel e o significado dos Estados e conseqüentemente das fronteiras. Continuamos a ter uma grande heterogeneidade de relações fronteiriças. Algumas são apenas simbólicas, outras rigorosamente fechadas. Foucher argumenta que o homem precisa de fronteiras, é um referencial para si. Alguns estados levam isso ao extremo. Porém, creio que uma perspectiva interessante para compreender as fronteiras é ouvindo os cidadãos fronteiriços e não apenas os agentes dos estados. Já visitei várias fronteiras pelo mundo. Mas a que me impressionou foi a que divide o Haiti da República Dominicana, pouco falada, mas fortemente vigiada pelos dominicanos. Existem portões nas cabeceiras das pontes. E veja bem, é uma pequena ilha do Caribe que abriga os dois países. O avanço dos estudos fronteiriços tem incorporado outras abordagens além das clássicas, porém não é possível descartá-las. Alguns preferem criar tipologias, seguindo determinados métodos, outros priorizam abordagens mais subjetivas buscando compreender a fronteira a partir dos seus cidadãos.

*Entre-Lugar - Em sua tese de doutoramento “a divisão da monstruosidade geográfica”, o professor aborda as divisões internas da Amazônia e sua regionalização. Como se constroem as fronteiras na Amazônia?*

Ricardo Nogueira: Creio que aí temos que colocar duas questões: em primeiro lugar, a questão das fronteiras internas, que seria a própria criação de novas unidades política-administrativas, sob o argumento dos políticos da pobreza e abandono. Na verdade, nunca houve manifestações populares pedindo a divisão, o que talvez tivesse mais legitimidade. Um autor daqui da Amazônia, Samuel Benchimol, falava, na década de 1960, dos latifúndios políticos da Amazônia, em virtude da extensão territorial, seja de Estados ou de municípios, e que isto seria ingovernável. Talvez seguindo o pensamento de Lysias Rodrigues, quem denominou os Estados da Amazônia como “monstruosidades geográficas”. Em segundo lugar, discuto a própria denominação de “fronteira” dada para a Amazônia. Afirmo que é uma denominação “do Centro”, porque aqui nunca dissemos que estamos numa fronteira, no sentido americano do termo. Parece que ainda reina o pensamento de Friedrich Turner, estudioso do avanço norte-americano para o oeste. Consegui identificar mais de vinte denominações de fronteira para a Amazônia: fronteira de recursos, do capital, agrícola, mineral, biotecnológica, madeireira, energética, pecuária, pastoril, etc. São estes recortes territoriais que encerram por gerar novas regionalizações: já não bastava região Norte, depois se criou a Legal, Ocidental, Oriental, Internacional, Arco do Povoamento. Quanto a construção de fronteiras nacionais na Amazônia, devemos lembrar que esta porção do território brasileiro estava fora dos domínios portugueses, ou seja, além de Tordesilhas. Foi o avanço português que alargou o território usando os rios. Hoje vemos que alguns rios servem de fronteiras, em outros lugares são linhas geodésicas e no planalto das Guianas as serras serviram como limites. E daí a implantação de fortes e igrejas, típico da ação colonial portuguesa.

*Entre-Lugar - Quais são as novas perspectivas em geografia política?*

Ricardo Nogueira: É importante observar que a geografia política tem vivido um bom momento de reflexão uma vez que diversos fenômenos têm ocorrido quase que simultaneamente e em diversas escalas. Alguns com caráter eminentemente político, noutros um entrelaçamento com a expansão econômica global. Falo isso para não cair na armadilha de quer subordinar tudo à instância econômica. Podemos iniciar falando de uma escala global, com o paradoxo entre abertura comercial e fechamento de fronteira aos migrantes que invadem a Europa. Isto acontece aos olhos do mundo. Ainda nesta escala as questões associadas ao ambiente, como as convenções do clima, o controle da água, e, ainda, o petróleo. Numa escala mais regional podemos falar dos muros que estão sendo construídos: derrubou-se o muro de Berlim, mas surgiram outros; os movimentos nacionalistas é também um tema que merece mais atenção da geografia política. São inúmeras as reivindicações nacionais pelo mundo, gerando tensões no interior dos Estados. E na escala local é importante citar as discussões em torno da cidadania, da justiça, geografia eleitoral, dos patrimônios culturais também.

*Entre-Lugar - Quais são os seus projetos de pesquisa atualmente?*

Ricardo Nogueira: Bom, no momento estou realizando uma pesquisa financiada pelo CNPQ sobre as estruturas militares existentes na tríplice fronteira, as formas de cooperação internacional entre elas e os relacionamentos com a sociedade fronteiriça. Vemos que o papel das forças armadas mudou bastante. Nesta fronteira em particular, os agentes a serem combatidos ou reprimidos não são mais os Estados vizinhos, mas grupos que atuam ilegalmente, como traficantes de armas, drogas, pessoas, madeira, ouro, além da vigilância com a guerrilha colombiana, que já dá sinais de negociação de paz com o governo.

Há também alguns projetos realizados com alunos de graduação e de pós-graduação sobre rodovias na Amazônia, compreendendo-a como um objeto geográfico e mostrando o caráter político das vias de circulação; Segurança e Defesa, destacando como se dá a expressão espacial destas duas necessidades de uma sociedade; Comércio mundial de armas, tendo como objetivo maior mostrar o papel das armas nas relações internacionais; Identidade Regional, tomando como referência o estado do Pará e a migração para o Amazonas; o estudo do Federalismo numa federação distorcida; e a Mineração a partir de uma perspectiva existencial.

*Entre-Lugar - Em suas pesquisas mais recentes, o professor tem discutido a Geopolítica rodoviária na Amazônia. Como isto tem sido abordado, uma vez que o projeto de construção de rodovias na Amazônia é muito questionado?*

Ricardo Nogueira: Encontramos num autor clássico da geopolítica, Otto Maull, uma observação sobre o caráter político das vias de circulação construídas por um estado. Isto nos ajudou a pensar as rodovias na Amazônia como algo que vai além da simples circulação de mercadorias, ou uma abordagem econômica deste objeto geográfico. Sabemos que todo

o projeto rodoviário na Amazônia vem desde o início do século XX, já com a intenção de incorporação da região ao restante do país. Porém, hoje o cenário ecológico tem exigido mais atenção nas intervenções sobre a região amazônica. O vetor ambiental atravessa todos os projetos para destinado para a região. E isto tem gerado muita polemica, pois a expansão das atividades produtivas, consumidoras de amplos espaços, exige meios de circulação. Milton Santos afirmava que não basta produzir, mas fazer circular esta produção. Precisamos, de fato de rodovias que nos vinculem em definitivo ao Brasil.

*Entre-Lugar - O que o senhor diria para concluir?*

Ricardo Nogueira: Posso afirmar que estamos aqui na Amazônia construindo uma densidade intelectual, traduzida pelas publicações, participação em eventos, pesquisas realizadas, orientações seja na graduação ou pós-graduação, que começam a se ampliar com o mestrado consolidado em algumas Universidades. Também é importante salientar a pluralidade teórica e metodológica que vivencia a Geografia, com uma relação saudável das correntes e das contra-correntes. Na década de 1980 predominava na Geografia o conceito de Espaço; depois começamos a falar de Território; o Lugar começa a ganhar 'espaço' com a emergência da Geografia Cultural. A Paisagem e a Região estão aí desde as origens, metamorfoseando-se. Temos um grupo de pesquisa que procura estimular o aluno a descobrir problemática que ele tenha interesse em pesquisar. Creio que isso é importante pois dá a liberdade de pensamento, opção por abordagens sem necessariamente enquadrá-lo em temáticas já prontas.

Gostaria concluir esta entrevista dizendo que acompanhei a mudança do mundo e da Geografia. Ou seja: também mudei. No sentido de compreender que a inserção do homem no mundo, as suas atitudes, os seus valores, decorrentes de sua cultura, de sua história, tecida também num envolvimento com um entorno constituído de objetos naturais, são elementos fundamentais para fazer Geografia. A geograficidade como essência do Ser no mundo.